

— Léa! Dá-me o teu colar de pérolas! Ouves, Léa? Dá-me o teu colar!

Nenhuma resposta veio do grande leito de ferro forjado e cobre cinzelado, que brilhava na penumbra como uma armadura.

— Por que não me hás-de dar o colar? Fica-me tão bem a mim como a ti, e até melhor!

Quando o fecho estalou, as rendas do leito agitaram-se, dois braços nus, magníficos, delgados no pulso, ergueram duas belas mãos preguiçosas.

— Deixa estar isso, Chéri, já chega de brincadeira com o colar.

— Estou a divertir-me... Ou terás medo que eu to roube?

Diante dos cortinados cor-de-rosa que o sol atravessava, ele dançava, todo negro, como um gracioso diabo num fundo de fornalha. Mas quando recuou para a cama, tornou-se todo branco, do pijama de seda às babuchas de gamo.

— Não tenho medo — respondeu do leito a voz suave e baixa. — Mas cansas o fio do colar. As pérolas são pesadas.

— Lá isso, são — disse Chéri com respeito. — Quem te deu este móvel, não fez pouco de ti.

Aprumava-se em frente de um espelho alto, fixado à parede entre as duas janelas, e contemplava a sua imagem de rapaz, belo e jovem, nem alto nem baixo, de cabelo azulado como plumagem de melro. Abriu o traje nocturno sobre um peito mate e duro, arqueado como um escudo, e a mesma centelha rósea brincou nos seus dentes, no branco dos olhos escuros e nas pérolas do colar.

— Tira o colar — insistiu a voz feminina. — Ouves o que te digo?

Imóvel diante da sua imagem, o rapaz ria baixinho:

— Ouço, ouço. Bem sei que tens medo que o leve!

— Não. Mas se to desse, serias capaz de aceitar.

Chéri correu para o leito, atirou-se para cima dele, feito numa bola:

— E por que não? Eu estou acima dessas convenções. Acho idiota que um homem possa aceitar duma mulher uma pérola num alfinete de gravata, ou duas para os botões de punho, e se julgue desonrado se ela lhe dá cinquenta...

— Quarenta e nove.

— Quarenta e nove, sei muito bem quantas são. Diz lá então que me fica mal! Diz que sou feio!

Inclinava-se para a mulher deitada, com um riso provocante que mostrava uns dentes pequenos e a parte interior molhada dos lábios. Léa sentou-se na cama:

— Não, não direi. E em primeiro lugar porque não acreditarias. Mas não poderás rir-te sem franzir assim o nariz? Ficarás satisfeito quando tiveres três rugas ao canto do nariz, não?

Ele deixou de rir imediatamente, alisou a pele da testa, disfarçou a parte inferior do queixo com uma habilidade de velha coquete. Olhavam-se um ao outro com expressão hostil: ela apoiada num cotovelo, entre as suas roupas finas e as suas rendas; ele sentado à amazona na borda da cama. Chéri pensava: «Ela pode mesmo falar-me das rugas que eu hei-de ter, não há dúvida...» E Léa: «Por que será ele feio quando ri, ele que é a beleza em pessoa?» Reflectiu um instante e concluiu em voz alta o seu pensamento:

— É que tens um ar maldoso quando estás contente... Só ris por maldade ou troça. Torna-te feio. E és muitas vezes feio.

— Não é verdade! — gritou Chéri, irritado.

A cólera unia-lhe as sobranceiras no começo do nariz, alargava-lhe os olhos, cheios duma luz insolente, armados de cílios, entreabria o arco desdenhoso e casto da boca. Léa sorriu ao vê-lo tal qual o amava, revoltado, depois submisso, mal agrilhado, incapaz de ser livre: pousou a mão sobre a jovem cabeça, que sacudiu impacientemente o jugo. E murmurou, como se acalma um animal:

— Então... então... Que é isso... que é isso, vamos...

Ele deixou-se cair sobre o belo ombro largo, empurrando com a testa, com o nariz, cavando o seu lugar familiar, fechando já os olhos e procurando o seu protegido sono das longas manhãs. Mas Léa repeliu-o:

— Isso não, Chéri! Almoças com a nossa Harpia Nacional, e já é meio-dia menos vinte.

— O quê? Almoço em casa da patroa? E tu, também?

Léa escorregou preguiçosamente para o fundo do leito.

— Eu não, estou de férias. Irei tomar o café às duas e meia, ou o chá às seis horas, ou fumar um cigarro às oito menos um quarto... Não te preocupes, é sempre tempo de ela me ver... Além disso, não me convidou.

Chéri, de pé, arrufado, logo resplandeceu de malícia:

— Eu sei, eu sei porquê! Temos gente fina! Temos a bela Marie-Laure e o veneno da filha.

Os grandes olhos azuis de Léa, que vagueavam, fixaram-se:

— Ah, sim! Encantadora, a pequena. Menos que a mãe, sim, mas encantadora... Tira esse colar, vamos...

— É pena — suspirou Chéri, desprendendo-o. — Ficaria bem na minha corbelha.

Léa soergueu-se num cotovelo:

— Qual corbelha?

— A minha — disse Chéri com uma importância burlesca.

— A MINHA corbelha das MINHAS jóias do MEU casamento...

Deu um salto, caiu sobre os pés após um correcto *entrechat six*,¹ meteu o reposteiro dentro com uma cabeçada, e desapareceu, gritando:

— O meu banho, Rose! Rápido! Vou almoçar com a patroa!

«Claro», pensou Léa. «Um lago na casa de banho, oito toalhas a nadar, e pêlos da barba na bacia. Se eu tivesse duas casas de banho...»

Mas lembrou-se, como das outras vezes, de que seria preciso suprimir um guarda-vestidos, diminuir o gabinete onde se penteava, e concluiu como das outras vezes:

¹ Elevação em que o bailarino executa seis cruzamentos de pernas, antes de tocar o solo num *demi-plié* em quinta posição. (NT)

— Esperarei até ao casamento de Chéri.

Tornou a deitar-se de costas e notou que Chéri atirara, na véspera, as peúgas para a chaminé, as cuecas para um contador, e enfiara a gravata no pescoço de um busto de Léa. Sorriu, mau grado seu, a esta cálida desordem masculina e semicerrou os grandes olhos tranquilos, de um azul fresco, que conservavam ainda todas as suas pestanas castanhas. Aos quarenta e nove anos, Leónie Vallon, conhecida por Léa de Lonval, terminava uma feliz carreira de cortesã de fartos rendimentos, e de rapariga condescendente a quem a vida poupava as catástrofes lisonjeiras e os nobres desgostos. Ocultava a data do nascimento, mas tinha satisfação em confessar, deixando cair sobre Chéri um olhar de condescendência voluptuosa, que chegava à idade de conceder a si própria algumas pequenas comodidades. Amava a ordem, a bela roupa branca, os vinhos amadurecidos, a cozinha meditada. A sua juventude de loura adulada, depois a sua maturidade de cortesã rica, não tinham aceiteado nem o esplendor deplorável nem o equívoco, e os seus amigos lembravam-se de um dia de Drags², por alturas de 1895, em que Léa respondera ao secretário do *Gil Blas*³, que a tratava por «querida artista»:

— Artista? Oh! Realmente, meu caro amigo, os meus amantes não são nada discretos...

As mulheres do seu tempo invejavam-lhe a saúde imperturbável; as mais novas, a quem a moda de 1912 arqueava já as costas e o ventre, troçavam do seio opulento de Léa — mas umas e outras lhe cobiçavam igualmente Chéri.

— Eh, meu Deus! — dizia Léa —, não há de quê. Que o levem. Eu não o prendo, e ele sai sozinho.

No que mentia um pouco, orgulhosa duma ligação — ela dizia, às vezes, adopção, por respeito pela sinceridade — que durava havia seis anos.

«A corbelha», repetiu Léa. «Casar Chéri... Não é possível, não é... humano... Dar uma rapariga a Chéri — por que não atirar uma corça aos cães? Essa gente não sabe quem é Chéri.»

² Corridas de cavalos em Auteuil. (NT)

³ Periódico francês. (NT)

Rolava entre os dedos, como um rosário, o seu colar atirado para cima da cama. Presentemente tirava-o à noite, porque Chéri, enamorado das belas pérolas e que as acariciava de manhã, teria notado por demais que o pescoço de Léa, agora mais grosso, perdia a brancura e mostrava, sob a pele, os músculos flácidos. Pendeu-o atrás da nuca sem se levantar e pegou num espelho que estava na consola da cabeceira.

«Tenho o ar duma jardineira», criticou ela sem contemplação. «Uma horteloa. Uma horteloa normanda que vai ao batatal de colar. Fica-me como uma pena de avestruz no nariz — e ainda é dizer pouco.»

Encolheu os ombros, severa para tudo o que já não apreciava em si: uma tez viva, saudável, um pouco vermelha, uma tez de ar livre, boa para tornar mais rica a cor franca das pupilas azuis, circundadas de azul mais escuro. O nariz altivo ainda era poupado por Léa; «o nariz de Maria Antonieta!», afirmava a mãe de Chéri, que nunca se esquecia de acrescentar: «... e daqui por dois anos, esta boa Léa terá o queixo de Luís XVI». A boca de dentes unidos, que quase nunca ria, sorria frequentemente, de acordo com os grandes olhos que pestanejavam lenta e raramente, sorriso cem vezes louvado, cantado, fotografado, sorriso profundo e confiante que não podia enfadar.

Quanto ao corpo, «sabe-se bem», dizia Léa, «que um corpo de boa qualidade dura muito tempo». Podia mostrá-lo ainda, o seu grande corpo branco tingido de rosa, dotado das longas pernas, do dorso liso que se vê nas ninfas das fontes da Itália: as nádegas de covinhas, o seio alto, podiam aguentar, dizia Léa, «até muito depois do casamento de Chéri».

Levantou-se, envolveu-se num roupão e abriu ela mesma os cortinados. O sol do meio-dia entrou no quarto cor-de-rosa, alegre, adornado em excesso e de um luxo fora de moda, com rendas duplas nas janelas, *faille* folha-de-rosa nas paredes, madeiras douradas, lâmpadas eléctricas veladas de róseo e branco, e móveis antigos forrados de sedas modernas. Léa não renunciava a este quarto afogado nem à sua cama, considerável obra-prima, indestrutível, de cobre e aço forjado, severo ao olhar e cruel para as túbias.

«Não, não», protestava a mãe de Chéri, «não é tão feio como isso. Eu por mim gosto deste quarto. É uma época, tem o seu charme. Lembra a Paiva⁴.»

Léa sorria a esta recordação da «Harpia Nacional», enquanto levantava os cabelos soltos. Empoou apressadamente a cara ao ouvir bater duas portas e o choque de um pé calçado contra um móvel delicado. Chéri voltava, de calças e camisa, sem colarinho, as orelhas brancas de talco, e de disposição agressiva.

— Onde foi que meteram o meu alfinete de gravata? Casa de orates! Agora palmam-se as jóias às pessoas?

— Foi Marcel que o pôs para ir fazer as compras — disse Léa gravemente.

Chéri, desprovido de sentido de humor, esbarrava contra o gracejo como uma formiga contra um bocado de carvão. Parou o seu ameaçador passeio e só achou esta resposta:

— Bonito!... E as minhas botinas?

— Quais?

— As de gamo!

Léa, sentada ao toucador, levantou uns olhos em que havia demasiada suavidade:

— Não fui eu que te obriguei a dizê-lo⁵ — insinuou numa voz cariciosa.

— No dia em que uma mulher gostar de mim pela minha inteligência, estarei liquidado — ripostou Chéri. — Enquanto esse dia não chega, quero o meu alfinete e as minhas botinas.

— Para quê? Não se usa alfinete de gravata com jaquetão, e já estás calçado.

Chéri bateu o pé.

— Estou farto, ninguém cuida de mim, aqui! Estou farto!

Léa pousou o pente.

— Se é assim, vai-te embora!

⁴ Mundana cujo verdadeiro nome era Teresa Lachman, mas que foi conhecida pelo título de fantasia de marquesa de Paiva. Nascida na Rússia, passou a maior parte da sua vida em Paris, onde morreu em 1884. A sua existência agitada, e sobretudo o luxo em que viveu, tornaram-na célebre. (NT)

⁵ *Daim*, gamo, também significa imbecil, pateta. Só assim é compreensível a ironia. (NT)

Ele encolheu os ombros, grosseiro:

— Conversa!

— Vai-te. Sempre tive horror aos convidados que dizem mal da comida e colam queijo nos espelhos. Vai para casa da tua santa mãe, meu filho, e deixa-te lá ficar.

Ele não suportou o olhar de Léa, baixou os olhos, protestou como um colegial:

— Ora essa! Já uma pessoa não pode dizer nada? Emprestas-me ao menos o automóvel para ir a Neuilly?

— Não.

— Porquê?

— Porque saio às duas horas e Philibert tem de almoçar.

— Onde vais às duas horas?

— Cumprir os meus deveres religiosos. Mas se quiseres três francos para um táxi... Pateta — continuou docemente —, talvez vá tomar café a casa da senhora tua mãe, às duas horas. Já estás contente agora?

Ele sacudia a cabeça como um carneirinho.

— Reprendem-me, recusam-me tudo, escondem-me as minhas coisas, e...

— Nunca mais saberás arranjar-te sozinho?

Tirou das mãos de Chéri o colarinho, que abotoou, e fez-lhe o nó da gravata.

— Hum!... Esta gravata violeta... Mas chega para a bela Marie-Laure e família... E ainda querias nela uma pérola? És um rasta-cuero... Por que não uns brincos?...

Ele deixava-se arranjar, beatífico, mole, vacilante, acometido duma preguiça e dum prazer que lhe fechavam os olhos...

— Nunune querida... — murmurou.

Ela escovou-lhe as orelhas, rectificou a risca fina e azulada que dividia os cabelos negros de Chéri, tocou-lhe as fontes com um dedo molhado de perfume e beijou rapidamente, porque não pôde impedir-se de o fazer, a boca tentadora que respirava tão perto de si. Chéri abriu os olhos, os lábios, estendeu as mãos... Ela empurrou-o:

— Não! Uma hora menos um quarto! Desaparece, e que nunca mais te veja!

— Nunca mais?

— Nunca mais! — atirou-lhe, rindo com uma ternura arrebatada.

Sozinha, sorriu orgulhosamente, deu um suspiro entrecortado, de avidez frustrada, e escutou os passos de Chéri no átrio da moradia. Viu-o abrir e fechar o portão, afastar-se no seu passo alado, imediatamente saudado pelo êxtase de três aprendizas de modista que caminhavam de braço dado:

— Ah, minha mãezinha! Não é possível, ele não pode ser real!... Vamos pedir-lhe que nos deixe tocá-lo?

Mas Chéri, indiferente, nem sequer se voltou.